

# INFORMATIVO SÃO VICENTE

PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO



# EDITORIAL

## Feliz 2026!

Queridos Coirmãos, membros da Família Vicentina, leitores e benfeitores de nossa missão,

O Natal do Senhor nos recorda que a luz que brota do presépio de Belém tem a função de reacender em cada coração a esperança, a simplicidade e a confiança que marcaram a vida de Jesus Cristo e o caminho de São Vicente de Paulo. É tempo de gratidão e a Província Brasileira da Congregação da Missão, com sinceridade, agradece a você, que acompanha nosso Informativo, que reza conosco, que acredita em nossa vocação missionária e que, de tantas formas, partilha a construção do Reino de Deus.

Encerramos 2025 com profundas alegrias e desafios que nos fazem olhar para 2026 com fé renovada. Que o novo ano traga a cada lar saúde, conquistas, perseverança e a graça de sermos, dia após dia, instrumentos da caridade e da evangelização, especialmente junto aos prediletos de Deus: os pobres, os pequenos, todos que precisam ser ouvidos, apoiados e promovidos.

Nesta edição, convidamos você a percorrer conteúdos que refletem a riqueza de nossa história e a vitalidade de nossa missão. Destacamos, com alegria, o Centro de Memória Vicentino, cujo acervo — agora disponível para consulta online pelo site da Província, seção “informações” — preserva e ilumina o legado de tantos missionários que dedicaram a vida ao Evangelho. Esperamos que esse patrimônio inspire novas gerações e fortaleça nossa identidade vicentina.

Apresentamos também o relato dos coirmãos que participaram da edição de novembro de 2025 do CIF, cujo tema do vicentinismo, recordando-nos que nossa espiritualidade, quando compreendida e vivida com radicalidade evangélica, continua a gerar frutos abundantes na Igreja e no mundo e apontando a relação entre o retorno às fontes e os sinais do tempo como pilar essencial para manter o carisma sempre novo.

Com afeto e sentido de justiça histórica, publicamos in memoriam a entrevista com o querido Pe. Sebastião Mendes, CM, que, embora guardada por um tempo, agora chega ao conhecimento de todos com a força de seu testemunho e a delicadeza de seu olhar pastoral. Que sua memória siga inspirando nossa fraternidade missionária.



Na Palavra do Provincial, o Visitador, Pe. Vandeir Barbosa, CM, nos recorda algo essencial: a revitalização da Congregação não pode ser apenas uma meta de ano jubilar, mas um compromisso permanente de conversão, renovação e fidelidade ao carisma. Que essa palavra ecoe como chamado e responsabilidade para todos nós.

Por fim, reafirmamos nesta edição o valor imenso das missões populares, do trabalho conjunto com toda a Família Vicentina, e do compromisso de estar onde a dor clama, a esperança vacila e a vida é ameaçada. Que em 2026 possamos servir com ainda mais ardor, proximidade e criatividade pastoral, levando às pessoas aquilo que São Vicente desejou: não apenas assistência, mas promoção, formação e dignidade.

Que o Menino Deus abençoe cada leitor, cada comunidade, cada missionário e cada família. Que Ele nos conceda um Natal de paz e um Ano Novo de realizações, guiados pelo Espírito Santo e animados pelo carisma vicentino que continua vivo, fecundo e necessário.

Feliz Natal e um abençoado 2026! ■

Pe. Cleber Teodosio, CM

# SUMÁRIO

---



Província Brasileira da  
**Congregação da Missão**

## **Palavra do Visitador | pág. 4**

*Caminhemos na fé e na esperança*  
Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM

## **Artigo | pág. 6**

*Dilexi te*  
Diác. Amauri Dias de Moura

## **Espaço dos Seminaristas | pág. 8**

*Uma cristologia da kénosis e o encontro com Cristo nos pobres*  
Sem. Jackson Lopes

## **Voz da Igreja | pág. 10**

*9ª Jornada Mundial dos Pobres*  
Stephany Oliveira

## **CM Global | pág. 11**

*CIF 2025*  
Pe. Michel Araújo, CM

## **Entrevista (in memoriam) | pág. 16**

*Um missionário incansável a serviço dos pobres*  
Sacha Leite

## **Pastoral Vocacional | pág. 18**

*Vocação e pertencimento*  
Pe. Allan Ferreira, CM

## **Memória da Província | pág. 20**

*Centro de Memória Vicentino*  
Cristina Vellaco

## **Ação Social | pág. 22**

*Informática São Vicente*  
Ir. Cleusa Alves

## **Perfil (in memoriam) | pág. 26**

*Ir. Miguel Maria Generoso, CM*  
Cristina Vellaco

## **Testemunho | pág. 28**

*Pe. Juarez Carlos Soares, CM*

## **Família Vicentina | pág. 29**

*Santas Missões Populares Vicentinas*  
Pe. Adriano Pires, CM

## **Notícias da PBCM | Pág. 30**

## **Cultura | Pág. 31**

## **EXPEDIENTE**

ISV N° 333

**INFORMATIVO SÃO VICENTE** é uma publicação trimestral da Província Brasileira da Congregação da Missão  
ISSN 2596-2132

### **Direção Provincial 2023-2027**

*Visitador:* Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM  
*Conselheiros:* Ir. Adriano Ferreira, CM Pe. Emanuel Bedê, CM |  
Pe. Eduardo Santos, CM Pe. Denilson Matias, CM

### **Redação**

*Responsável pela comunicação da PBCM:* Pe. Cleber Fábio  
Oliveira Teodósio, CM  
*Jornalista Responsável:* Sacha Leite MTB 30383/RJ

### **Colaboraram nesta edição**

Diác. Amauri Moura | Sem. Jackson Lopes | Pe. Michel Araújo  
Pe. Allan Ferreira | Cristina Vellaco | Pe. Vandeir Barbosa  
Pe. Adriano Pires | Pe. Juarez Carlos | Ir. Cleusa Alves  
Stephany Oliveira | Sacha Leite

### **Revisão**

Cristina Vellaco e Stephany Oliveira

### **Impressão e acabamento**

Gráfica Printi

### **Site**

[www.pbcm.org.br/informativo](http://www.pbcm.org.br/informativo)

### **Contato da Redação**

[informativo@pbcm.org.br](mailto:informativo@pbcm.org.br)  
Tel: (21)3826-1431

### **Correspondência**

Av. Almirante Barroso, 91 sl. 914  
Centro Rio de Janeiro 20031-916

### **Tiragem desta edição**

300 exemplares

*Edição Fechada 15/12/2025*

\*\*\*

*As matérias e artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não expressando, necessariamente, a opinião dos editores do Informativo São Vicente. Desde já, nos desculpamos por possíveis equívocos ou imprecisões que o bondoso leitor relevará e corrigirá.*

.....  
*Na alegria e na certeza de que o bom Deus nos ama incondicionalmente, peçamos-lhe, neste tempo do Advento e do Natal, que o seu Filho, o Menino-Deus renasça em nós, renove-nos na acolhida e na prática das virtudes vicentinas que nos dá acesso ao frescor do Evangelho.*  
 .....

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM

## Caminhemos na fé e na esperança

*Continuemos o sonho de São Vicente de Paulo em que os pobres serão mais e mais assistidos*

**P**or que continuar a revitalizar a identidade da Congregação da Missão ao entrar no seu quinto centenário de existência no alegre anúncio da Boa Notícia aos Pobres?

Mesmo tendo concluído com êxito a celebração do IV centenário de fundação da Congregação da Missão, a revitalização não termina, pois o chamamento do Senhor à conversão e a nos “revestir do espírito de Cristo” é um processo vital a ser concretizado e nos envolve a todos.

Louvamos e agradecemos a Deus por todos os esforços, grandes e pequenos, que cada um de nós está fazendo para revitalizar o “ser vicentino”, na busca de recriar no hoje da nossa história a prática de Jesus, segundo o carisma e a espiritualidade da Congregação da Missão em sintonia com a Igreja, em colaboração com a Família Vicentina, e considerando os “sinais dos tempos” do mundo de hoje, à luz do Doc. Final da 43ª Assembleia Geral da CM (2022), “Chamados a revitalizar a identidade da CM”.

Animo-os, e animemos uns aos outros, a continuar a pensar como podemos progredir ainda mais na fidelidade criativa ao carisma e à espiritualidade vicentina no meio dos desafios da realidade presente. Após a caminhada deste ano que pode ter sido feita de realizações em favor e com os mais pobres, na formação dos nossos, na colaboração com o clero diocesano e com a vida religiosa consagrada, no compromisso com a formação dos fiéis leigos(as), na evangelização nos meios digitais, na construção da cultura vocacional vicentina, na educação de crianças e jovens, nas pastorais e nas diversas missões e ministérios a nós confiados a serviço do ca-

risma e da missão, peçamos a Deus para renovar a esperança e o desejo de sair de nós e nos doarmos, de nos formarmos todos os dias para sermos mais humanos e vicentinos, de abrir portas, de comunicar e conectar mundos, recompor a unidade na diversidade tornando possível a comunhão em Cristo, de construir pontes onde hoje há “muros”, de ser peregrinos da esperança nos passos de São Vicente de Paulo.

Animemos uns aos outros pois a caminhada autêntica, na alegria e fidelidade ao carisma e espiritualidade vicentina, pode ter sido também desgastante e exigente, todavia caminhamos na fé e na esperança de que, em tudo, o Senhor está forjando nosso ser para seu Projeto maior do Reino (cf. S. João Paulo II, Vita Consecrata, n.70), para ir além, alargar nossas tendas, sonhar os grandes sonhos de São Vicente no nosso hoje, aprofundar nosso agir na mística da espiritualidade vicentina e no coração do Evangelho. Tudo vale a pena quando nosso ser missionário vicentino, enquanto padres, irmãos consagrados, seminaristas e leigos(as), permanece unido à fonte do mistério de Deus que nos ama gratuitamente e nos envia a anunciar a sua Boa Notícia a todos, inspirados no ardor missionário e na lucidez de São Vicente.

Há uma crise socioambiental global, talvez sem precedentes, diante da qual não podemos tratar a pobreza sem considerar os problemas ecológicos globais, consequências de uma cultura e de um sistema voltados para a exploração da natureza até a exaustão, gerando mais e mais pobreza, injustiças e enfermidades, ameaçando a sobrevivência de todos: a Igreja nos convida a todos a estar atentos à ecologia integral conforme pro-



Bartolomé Esteban Murillo/Domínio Público

**Jesus brinca com João, enquanto Maria costura e José trabalha na marcenaria, na obra do pintor espanhol sevilhano Bartolomé Esteban Murillo (1617 - 1682).**

posta na *Laudato Si* (2015) e na *Querida Amazônia* (2020), e a fazer o nosso possível levando um estilo de vida pautado na sobriedade e na sustentabilidade, na fraternidade, no cuidado para com a casa comum e os pobres, e na contemplação que leva à profundidade da vida, superando a tendência da distração do imediatismo e da superficialidade.

No IX dia mundial dos pobres (16/11/2025), o Papa Leão XIV motivou a todos a prosseguirmos com renovadas esperanças no serviço fraterno e transformador junto aos mais pobres. A Congregação da Missão, juntamente com muitos outros ramos da Família Vicentina, se faz presente nesta realidade de muitas formas, mas destacamos o Projeto Aliança da Família Vicentina com os sem-teto, abraçado também por toda a Igreja neste Ano Santo, como um gesto concreto de caridade na promoção de vida digna a milhares de pessoas e famílias necessitadas de moradia no mundo inteiro.

Continuemos sonhando o sonho de São Vicente de Paulo em que os pobres e vulneráveis serão mais e mais assistidos; procuremos, a partir de nossas realidades, reflexões e projetos, aliar três níveis fundamentais e complementares de caridade: caridade assistencial, promocional e libertadora, no sentido da ousadia profética e criativa para irmos mais além (cf. Papa Leão XIV, *Dilexi te*, n.94).

Na alegria de pertencer à CM, de sermos Igreja, na alegria de colaborar com a Família Vicentina, com o Povo de Deus e todas as pessoas de boa vontade, sonhemos com São Vicente de Paulo o sonho de formar

missionários, “santos e sábios”, com corações capazes de sentir como próprios os dramas da humanidade, dos pobres, e fazer deles o centro de sua ação pastoral; com nosso fundador, sonhemos o sonho da fraternidade, de Comunidades saudáveis em saída missionária, sendo presença vicentina que revela o amor misericordioso a todos, aos afastados geograficamente e aos que atravessam as periferias existenciais mais variadas, conscientes de que o amor para com os mais pobres é um caminho de santificação (*Dilexi te*, n.3).

Na alegria e na certeza de que o bom Deus nos ama incondicionalmente, peçamos-lhe, neste tempo do Advento e do Natal, que o seu Filho, o Menino-Deus renasça em nós, renove-nos na acolhida e na prática das virtudes vicentinas que nos dá acesso ao frescor do Evangelho, que de nós arranque a tendência ao egoísmo, à autorreferencialidade, ao comodismo e à indiferença que enfraquecem o dom de si e o espírito missionário. Peçamos, nesse Advento e Natal, este presente divino, e o Menino-Deus, nossa Esperança e nossa Paz, que renova todas as coisas, o fará em nós de modo surpreendente. Agradecemos ao Senhor por todas as suas maravilhas e prodígios que Ele se dignou realizar por nós, à exemplo de Nossa Senhora das Graças, no seu Magnificat. Que o Senhor abençoe copiosamente a todos, a toda a Província, com renovado vigor missionário, particularmente a nossa mais jovem e promissora Comunidade Missionária Vicentina na cidade de Salto-SP (que acaba de celebrar um ano), por intercessão de Maria, Mãe de Deus e Nossa, e de São Vicente de Paulo. ■

Diác. Amauri Dias de Moura

## *Dilexi te*

### *Exortação apostólica sobre o amor para com os pobres*

Aqui me atrevo, com alegria e humildade, a iniciar breves reflexões sobre a Exortação Apostólica *Dilexi te* do Papa Leão XIV e o nosso carisma Vicentino. Alegria pelas surpresas que a leitura do texto inicial do atual pontificado nos traz e que toca muito do nosso ser e fazer vicentinos. Humildade, pois me atrevo, insisto, a falar de chão que não é o meu institucionalmente falando, mas com certeza falo do coração, dos estudos e da vivência numa obra vicentina, a Paróquia Pai Misericordioso na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Um destaque inicial é que a recente Exortação Apostólica *Dilexi te*, do Papa Leão XIV, para além de retomar o legado do Papa Francisco, na verdade é a publicação do texto iniciado por Bergoglio e que era a continuação da profunda carta encíclica *Dilexi nos*, sobre o amor humano e divino do coração de Jesus.

O texto de Prevost constitui um forte apelo para que a Igreja viva sua vocação a serviço dos pobres e excluídos, não como algo opcional ou mero desencargo de consciência, mas como ser e agir fontal de toda Igreja, desde Jesus de Nazaré, passando por Vicente de Paulo e Luísa de Marillac até chegar à nós, Família Vicentina.

*Dilexi te* é mais que um convite à espiritualidade pessoal e intimista, que não raro se coloca distante da realidade e das dores do mundo, mas sim uma radical convocação para uma reflexão e oração que mobiliza a ação da Igreja, de toda igreja, de cada batizado e batizada, sem exceção, em especial nós vicentinas e vicentinos, pela cristológica opção preferencial pelos pobres, que deita raízes na mais profunda humanidade e permeia nossa rica tradição judaico-cristã, desde os patriarcas, matriarcas e profetas chegando a Jesus

de Nazaré e seu Evangelho, desaguando na bimilenar presença do Cristianismo, mais do que instituição, como um estilo de vida, um ethos.

Diante do rico, direto e profundo texto, que muitas vezes nos incomoda como um tapa de pelica, fechando os olhos ouvimos e vemos Papa Francisco nos chamando a uma Igreja pobre e dos pobres, em saída, que “cada vez que temos a oportunidade de nos aproximar deles e oferecer-lhes a nossa ajuda, é a oportunidade que temos de tocar a carne de Cristo, porque levar o Evangelho não é uma coisa abstrata, uma ideologia, que se reduz à doutrinação, mas sim Ela se materializa aí, no compromisso cristão com os mais necessitados; há verdadeira evangelização”.

Leão que traz o nome que recorda Leão XIII e nos relembra a importância da Dimensão Social da Fé, ligando teoria e prática, discurso e ação, em seu primeiro documento oficial, nos alerta que amar e cuidar, defender, emancipar e promover os pobres não é questão pequena. Destaca que nossa Igreja que busca ser fiel e servir a Jesus nos pobres como critério existencial, destacando-se o amor de Cristo presente neles.

Pescando algumas ideias vicentinas na *Dilexi te*, encontrei alguns textos que se lidos com nosso olhar, com os óculos de nosso carisma, temos uma quase confirmação que estamos no caminho certo, por exemplo:

1. Ao falar do amor sem limites aos pobres, escreve Leão “por sua natureza, o amor cristão é profético, realiza milagres, não tem limites: é para o impossível” (DT 120) - para mim recorda Vicente nos falando “o amor é inventivo até o infinito”;
2. Vemos nosso pai fundador Vicente falando



nas entrelinhas “Dez vezes irão aos pobres, dez vezes encontrarão a Deus” quando lemos na exortação “no pobre um acesso privilegiado a Deus, um modo especial para O encontrar” (DT 39);

3. No leito de morte Santa Luísa de Marillac recomendou às suas filhas “tende grande cuidado do serviço dos pobres e, sobretudo, vivei juntas numa grande união e cordialidade, amando-vos umas às outras, para imitar a união e a vida de Nosso Senhor”. Percebo essa dica atualizada em “o cuidado com os pobres faz parte da grande Tradição da Igreja” e “o amor aos pobres – seja qual for a forma dessa pobreza – é a garantia evangélica de uma Igreja fiel ao coração de Deus” (DT 103).

Toca o coração e nos alegra ao mesmo tempo que nos responsabiliza ainda mais, a seguir firmes no caminho do amor a Cristo nos Pobres, quando o Papa Leão, entre os exemplos de serviço humilde aos pobres, na exortação cita explicitamente as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, sinalizando a relevância atual do carisma vicentino na vida e missão da Igreja (DT 51).

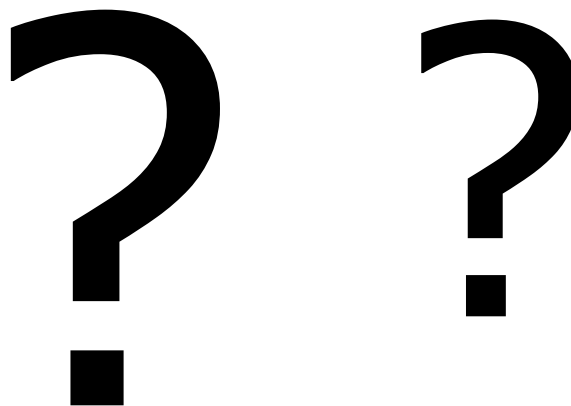
O carisma vicentino, nascido da experiência e inspiração de São Vicente de Paulo, caracteriza-se por um compromisso concreto e organizado no atendimento aos necessitados, marcado pela caridade prática e pela solidariedade misericordiosa. Essa prática inspira não apenas ações assistenciais mas um estilo de vida cristã que incide na justiça social e na promoção humana.

*Dilexi te* ressoa com essa tradição ao afirmar que “a Igreja, como mãe, caminha com os que caminham. Onde o mundo vê ameaça, ela vê filhos; onde se erguem muros, ela constrói pontes” (DT 75). Essa frase sintetiza nossa missão vicentina de estar próximos dos marginalizados, transformando dores em esperança, em um testemunho vivo do amor de Deus. ■



De Paul University Images

A obra retrata São Vicente de Paulo com mãe e quatro filhos. A tela encontra-se exposta no Rio de Janeiro, Museu das Filhas da Caridade.



Sem. Jackson Lopes , CM

## Uma cristologia da *kénosis* e o encontro com Cristo nos pobres

*"E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mc 8,27)*

**C**ompartilho aqui uma síntese cristológica elaborada a partir do Curso de Teologia da FAJE, apresentada agora não apenas como um exercício acadêmico, mas como um testemunho de caminho interior. Mais do que conteúdos assimilados, este texto nasce de um processo de transformação. É uma síntese que se tornou vida e uma vida que, pouco a pouco, se reescreve à luz da pergunta que acompanha todo discípulo: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mc 8,27).

Esta busca incessante pela identidade do Mestre, que exige a *kénosis* de conceitos prévios e o acolhimento de Sua plena humanidade, encontra seu eco mais profundo no carisma de São Vicente de Paulo. Para a Congregação da Missão, a resposta à pergunta de Jesus não se esgota na reflexão teológica, ela se concretiza no serviço efetivo aos Pobres. O aprofundamento do curso de Cristologia me permitiu entender que o Verbo encarnado se revela na concretude da existência e, para nós, o Pobre é o lugar teológico privilegiado onde encontramos e servimos o próprio Jesus Cristo, o Evangelizador dos Pobres. O fim da Congregação, o serviço e a evangelização, é, portanto, a extensão prática dessa síntese cristológica: fazer viva a Palavra naqueles que mais precisam.

A minha chegada à disciplina de Cristologia marcou, desde o início, a necessidade de uma virada interior, um movimento de *kénosis*, um esvaziamento consciente das ideias prontas e das certezas rígidas que eu

carregava. Propus-me a esvaziar para poder ser preenchido. Nesse processo, fui descobrindo um conhecimento que não era apenas intelectual, mas também existencial. Minha percepção sobre Jesus foi sendo transformada à medida que desmistificava imagens antigas que me acompanhavam desde sempre. Não se tratava simplesmente de aprender conceitos sobre Jesus, mas de revisitar minha relação com Ele. O curso inteiro tornou-se, para mim, uma resposta progressiva à pergunta: "E vós, quem dizeis que eu sou?".

No início do curso, as minhas respostas sobre quem era Jesus eram mais intuitivas do que refletidas. Eu afirmava que Ele era o sentido da minha vida e da minha vocação, e, embora isso fosse verdadeiro, ainda era pouco elaborado. Com o avanço dos conteúdos, desde a importância dos concílios e dos dogmas até as pesquisas históricas sobre o Jesus real, compreendi que falar de Cristo não consiste em limitá-lo, mas em me abrir ao modo como Ele se revela no processo. A identidade de Jesus não se esgota em conceitos, nem se apresenta de uma vez por todas. Ela se desvela no caminho, assim como acontece com o discípulo que cresce enquanto caminha com Ele.

Compreendi também que não existe Cristologia sem passar pela humanidade de Jesus. Essa afirmação, recorrente ao longo do semestre, desfez a imagem excessivamente espiritualizada que eu carregava. Reconhecer que o Verbo se fez carne significa que a revelação de Deus



acontece no chão da vida humana. A fé cristã não começa na cruz nem na glória, mas na existência real de Jesus. É dessa vida concreta que brota a verdadeira experiência de Deus. Essa descoberta me marcou profundamente. Mais do que conteúdo teórico, tornou-se um convite para viver minha fé na escola da Encarnação e não apenas na devoção abstrata.

Ao revisitar as três respostas que ofereci durante o semestre para a pergunta de Marcos capítulo 8, versículo 27, percebo a transformação que vivi. No início, respondia com o coração; depois, com o intelecto; por fim, compreendi que é pela humanidade de Jesus que posso acessar sua divindade. A pergunta "E vós, quem dizeis que eu sou?" não é feita uma vez só, mas todos os dias. Cada vez que respondo, percebo que meu coração já não está no mesmo lugar. Essa resposta diária revela também quem eu sou diante d'Ele. Isso me ajudou a entender que eu também tenho direito a um processo, que meu olhar sobre Jesus pode e deve se transformar. Aprendi que Cristo só pode ser plenamente acolhido quando contemplado na unidade entre história e fé.

A grande síntese deste percurso está na descoberta fundamental de que não há Cristologia sem passar pela humanidade de Jesus. Essa compreensão profunda e reconstruída da identidade do Mestre se torna a chave de leitura que nos conecta diretamente ao carisma vicentino. São Vicente de Paulo compreendeu que a En-

carnação não é um conceito abstrato, mas o princípio de uma espiritualidade do serviço. Se a divindade se manifestou na humanidade de Jesus, ela se prolonga na humanidade sofredora dos mais desamparados.

Para a Congregação da Missão, essa concretude tem um nome e um rosto: os Pobres. Aprofundar a Cristologia, portanto, é reafirmar que o Pobre é o lugar teológico privilegiado onde se encontra o próprio Cristo. A busca por uma resposta à pergunta "E vós, quem dizeis que eu sou?" é contínua e define a missão, transformando-se em um compromisso de vida. Ele é Aquele que caminha comigo e me revela, pouco a pouco, quem Deus é e quem eu sou. ■



Papa Leão XIV e SG Tomaž Mavrič, CM, ofertam refeição na sala Paulo VI, no Vaticano.

Stephany Oliveira

## 9ª Jornada Mundial dos Pobres

*Projeto 13 Casas é apresentado como exemplo de ajuda concreta aos mais necessitados*

No último dia 16 de novembro, a Família Vicentina em todo o mundo uniu-se para celebrar o 9º Dia Mundial dos Pobres, uma data de profunda importância que ressalta o compromisso com o legado de São Vicente de Paulo. Este dia serviu como um lembrete da necessidade de traduzir a compaixão em ações concretas e organizadas aos mais necessitados.

Seguindo uma tradição de acolhimento e partilha, o Superior Geral da Congregação da Missão, Padre Tomaž Mavrič, CM, honrou os passos de São Vicente ao oferecer uma das mesas do almoço especial no Salão Paulo VI, no Vaticano. O evento reuniu cerca de 1.300 pessoas em situação de pobreza, para um momento de convivência e refeição partilhada.

Durante o encontro, o Papa Leão XIV realizou a entrega de 13 chaves, que haviam sido anteriormente abençoadas pelo Papa Francisco. Essas chaves representam o Projeto 13 Casas, realizado pela Aliança Internacional da Família Vicentina voltado às pessoas sem lar. O projeto simboliza o esforço da Família Vicentina no combate a um problema mundial: falta de moradia digna para pessoas sem-teto.

Este gesto significativo acontece em um ano de celebração para a Congregação da Missão, que marca seu Jubileu de 400 anos. A ação do projeto "13 Casas" foi apre-

sentada como um exemplo concreto de amor efetivo e afetivo aos pobres, com o intuito de inspirar a realização de outras ações coordenadas de suporte aos mais necessitados.

A celebração do Dia Mundial dos Pobres serviu também para refletir sobre a contribuição de São Vicente de Paulo: a transformação de um gesto caridoso espontâneo em uma ação sistemática e organizada. Nesse sentido, a visão de São Vicente de Paulo permanece um convite atemporal para que o amor e a compaixão se traduzam em ações que contribuam, de fato, para a justiça social.

O Superior Geral, Pe. Tomaž Mavrič, CM, compartilhou em suas redes sociais as palavras do Papa Francisco sobre a opção preferencial pelos pobres: "O Papa lembrou-nos que o Senhor não abandona os seus pobres, ele toma uma posição por eles. A Congregação da Missão e toda a Família Vicentina são um sinal visível do cuidado de Deus."

O 9º Dia Mundial dos Pobres reafirmou, assim, o compromisso da Família Vicentina com o serviço, a organização e o amor incondicional aos mais necessitados, mantendo vivo o espírito de São Vicente de Paulo, em todo o mundo, mesmo quase quatro séculos após a sua morte no plano terreno. ■



Pe. Michel, Pe. Emanuel, Ir. Adriano e coirmãos celebram com o SG na Casa Mãe, em Paris.

Pe. Michel Araújo

## CIF 2025

### *Três coirmãos da PBCM participaram da formação internacional vicentina*

A Congregação da Missão chega ao limiar do quarto centenário de sua presença institucional, diante de um desafio decisivo: articular memória, pesquisa e criatividade missionária. O CIF 2025, ao reunir coirmãos provenientes de diferentes culturas e contextos eclesiais, ofereceu, não apenas um repertório consistente de conteúdos, mas, sobretudo uma experiência comunitária de aprendizagem e discernimento. O propósito deste texto será apresentar, de modo simples, os principais eixos que emergiram dessa experiência formativa, com atenção simultânea à reflexão teórica, aos critérios metodológicos e às propostas operativas que despontaram ao longo do encontro.

Na abertura, Pe. Andrés Motto destacou a sinodalidade como caminho fundamental do Povo de Deus no século XXI, sugerindo que ela é mais do que um processo de tomada de decisão: trata-se de um paradigma formativo. A sinodalidade redefine modos de produzir conhecimento, de formar agentes e de interpretar a realidade. O saber passa a ser construído em conjunto, por meio da

escuta, do diálogo e da valorização das periferias geográficas, culturais e existenciais.

O primeiro conferencista foi o Pe. John Rybolt, o qual chamou atenção para o fato de que a historiografia vicentina se desenvolveu, em larga medida, em contexto de canonização e piedade, o que gerou textos hagiográficos, narrativas edificantes e versões divergentes de discursos e conferências. Autores como Abelly e Nicollet escreveram sob intenções teológicas e institucionais específicas, condicionando suas escolhas narrativas. Por isso, a pesquisa contemporânea precisa manejar as fontes com lucidez crítica: identificar intenções, apresentar variantes, discernir o que pertence ao âmbito devocional e o que corresponde a dados históricos verificáveis.

Esse cuidado se torna ainda mais necessário quando se consideram as conferências atribuídas a São Vicente, frequentemente preservadas em múltiplas versões, algumas delas redigidas por secretários. Estabelecer uma filologia dessas versões, identificar camadas textuais e situá-las em seus respectivos contextos é um trabalho rigoroso,



**Padres e irmãos finalizam a conferência para estudiosos e pesquisadores vicentinos.**

porém indispensável, para evitar projeções ou simplificações anacrônicas.

A pesquisa vicentina deve ampliar também o olhar para materiais frequentemente negligenciados, como relatos administrativos, cartas ordinárias, registros de construção de casas e documentação local. Esses “materiais não publicados” iluminam práticas institucionais, dinâmicas de gestão, redes regionais e tensões internas que não aparecem na literatura mais conhecida. Mapear sistematicamente tais acervos, digitaliza-los e construir bases de dados com metadados consistentes, torna-se tarefa estratégica para futuras gerações de pesquisadores.

A vocação do pesquisador vicentino foi o tema da segunda conferência. Pe. Andrés refletiu sobre a etimologia de “professor” — “o que professa a verdade” — e relacionou ensino e pesquisa como expressões de um mesmo compromisso. O missionário-pesquisador não repete mecanicamente o que recebeu, mas participa criativamente da tradição ao interpretar, contextualizar e comunicar. Para isso, necessita de formação sólida: domínio histórico e teológico, leitura de línguas fundamentais (francês, latim, italiano, inglês), habilidades paleográficas e competências digitais. Deve também cultivar um estilo próprio, uma voz que una fidelidade às fontes com clareza argumentativa e sensibilidade pastoral.

Nesse caminho, torna-se crucial resistir à tentação tecnocrática de delegar à inteligência artificial o juízo crítico ou o discernimento hermenêutico. A escrita vicentina exige maturidade intelectual, vigilância espiritual e progressiva interiorização do carisma. Como tal maturidade não se improvisa, programas de formação deveriam prever

itinerários longos, com bolsas de estudo, estágios em centros arquivísticos e acompanhamento contínuo de mentores, evitando modelos fragmentados e episódicos.

A contribuição do Pe. Daniel Pilário trouxe como temática os métodos contextuais dos estudos vicentinos, a saber:

1º) Produção de vicentinismo: estudos históricos; produção teológica vicentina; produção vicentina pastoral e produção criativa vicentina. Esses quatro pontos traçam um pouco do mapa das pesquisas vicentinas;

2º) Métodos contextuais: “como contextualizamos o nosso carisma?” Há dois assuntos que são concernentes aos métodos contextuais, incluindo a convicção de que todas as teologias são contextuais, pois a mensagem de Jesus é universal. Existe uma relação entre o texto e o contexto, sob os quais precisamos transitar. O texto são os escritos do fundador, as Regras Comuns, trabalhos como os dos padres Robert Maloney e Luigi Mezzadri são formas de compreender São Vicente, em nosso contexto. Deve haver um diálogo entre o passado e o presente;

3º) Um método útil: “como entendemos os textos bíblicos?”; existem formas de interpretação, como a interpretação alegórica, que busca desvelar o que está implícito no texto. Santo Tomás utilizava uma interpretação literal. Os debates mais modernos orientam o leitor a entender o texto, a partir do contexto do autor, conhecendo, inclusive, o que pode estar por detrás do texto, como sugere o método histórico crítico; através destes elementos, se queremos conhecer São Vicente, então precisamos buscar uma série de fatores históricos, psicológicos, para entendê-lo em seu contexto.

Perto do lugar onde foi a antiga Casa São Lázaro está a Igreja São Lourenço que, com frequência, recebia as visitas de São Vicente; lá o corpo de Santa Luísa ficou enterrado por 90 anos, aproximadamente. Nos seus vitrais podemos contemplar uma bonita síntese do Carisma Vicentino.

No topo, quase imperceptível nesta fotografia, há as imagens de um coração em chamas, um navio com velas verdes e um pelicano alimentando seus filhotes; as três imagens representam as três virtudes teológicas. Abaixo delas, uma fita branca perpassando os três campos com as palavras: "Evangelizare pauperibus misit me".

Nos três campos maiores vemos, no centro, São Vicente recebendo as luzes do Espírito Santo, recordando-nos que ele era instrumento de Deus; foi Nosso Senhor quem desejou a Companhia e São Vicente foi capaz de fazer tudo que fez porque deixou-se conduzir pela Divina Providência e nós, seguindo seu exemplo, procuramos revestir-nos do espírito do próprio Cristo. Nos outros dois campos vemos pessoas escravizadas, doentes e camponeses a quem somos destinados, "evangelizar os pobres, sobretudo os mais abandonados".



Depois disso, o conferencista comentou, de forma breve, a exortação apostólica *Dilexi Te*. Sobre os pobres e as novas formas de pobreza, recordou que este documento é a continuação de um trabalho deixado pelo Papa Francisco. O Pontífice fala de nove rostos da pobreza. O texto discorre também sobre as diversas caras da pobreza na história e, a partir disso, propõe a tentativa de dar uma resposta cristológica-pastoral; o segundo parágrafo, por exemplo, apresenta uma cristologia dos pobres. Para os papas, ao menos para os dois últimos, os pobres são colocados no coração da Igreja. "Dediquemo-nos com um renovado amor aos pobres, os mais abandonados, porque é ali que está Cristo" (Papa Francisco à Família Vicentina).

A conferência do Pe. Vinícius Teixeira, CM, foi intitulada: "Neo-vicentinismo (O lugar dos estudos vicentinos na Congregação da Missão no contexto do seu quarto centenário). Mais do que neo-vicentinismo, como sugere o título, seria interessante dizer uma teologia em chave vicentina, uma vez que não temos uma teologia, propriamente dita, mas uma herança espiritual e pastoral.

I) Vale destacar a grande importância dos estudos vicentinos e, ainda mais, vale ressaltar, que São Vicente não é um santo entre os outros santos de nossa devoção, ou, simplesmente, um grande personagem; é o nosso fundador, e isso é muito mais do que parece à primeira vista. Para nós, o conhecimento de São Vicente é um passo indispensável para nossa configuração ao carisma. Há uma profunda convicção sobre a beleza e a densidade de nossa herança. Sem essa referência a São Vicente caímos no

perigo de não sabermos agir como vicentinos. Não há nada mais oportuno que voltar a São Vicente. Colocar a atenção sobre a própria história é necessário para manter viva e definida a própria identidade. O carisma não é uma peça de museu, mas uma realidade dinâmica; deve haver uma dinâmica entre a herança herdada e a tradição;

II) Apresenta-se, cada vez mais forte, a necessidade de revitalização da dimensão intelectual da formação vicentina. Pensar que não somos homens de ciência, ou algo semelhante, reflete uma má apropriação do carisma e de nossa espiritualidade. É preciso superar a falsa ideia de que a vida intelectual atrapalha uma sólida pastoral ou à piedade pessoal. Anteriormente, se falava muito em ativismo. O que prevalece, hoje, não é o ativismo, mas uma agitação sem finalidade, vivendo numa completa superficialidade. Diretamente ligado à dimensão intelectual está o conhecimento das línguas estrangeiras. Os estudos não nos afastam do compromisso missionário, pelo contrário, ajuda-nos num compromisso mais sincero;

III) É necessário estabelecer os critérios metodológicos para que possamos fazer uma correta distinção e assim adentrar ao núcleo da sabedoria de São Vicente. Em síntese, precisamos conhecer a vida, a história e a espiritualidade de São Vicente. Enfim, lendo São Vicente, entendemos melhor nossa vocação na Igreja e no mundo;

IV) Sobre o fundador é preciso conhecer o que dizia e fazia, analisar as mudanças ao longo dos tempos e reinterpretar a partir de nossa realidade;

V) Nossa espiritualidade não é uma ilha! Portanto, precisa ser interpretada em comunhão com outras experi-

## Como surgiu o CIF

O conceito de formação continuada, na Congregação da Missão, originou-se com o próprio São Vicente de Paulo. Na primeira assembleia da CM, em 1642, uma segunda formação foi proposta após 6 ou 7 anos de formação inicial.

A ideia começou a ser posta em prática informalmente e chegou a ser tida como “seminário de atualização”. Durante um certo período foi referida como “seminário de renovação”.

Em 1992, foi estabelecido, na Assembleia Geral, um novo programa de formação. O tema, em termos gerais está nas constituições e estatutos: “nossa formação precisa ser continuada e atualizada ao longo de nossas vidas” (c # 81).

Com a orientação do Superior Geral, foi constituído um primeiro grupo de formação, composto por John Rybolt, diretor, Jean-Pierre Renouars e Louis Aphonse Sterling. A primeira equipe de formação começou a trabalhar em 1994.

Fonte: [congregatiomissionis.org/en/cif/](http://congregatiomissionis.org/en/cif/)

ências espirituais, porque o próprio São Vicente acompanhou o nascimento de muitas congregações. Por isso, nenhuma espiritualidade por si só abarca todas as necessidades do povo de Deus. Os diversos carismas da Igreja não devem ser lidos com confusão, é bom ter em mente que os diversos carismas são dons para o enriquecimento e crescimento do povo de Deus.

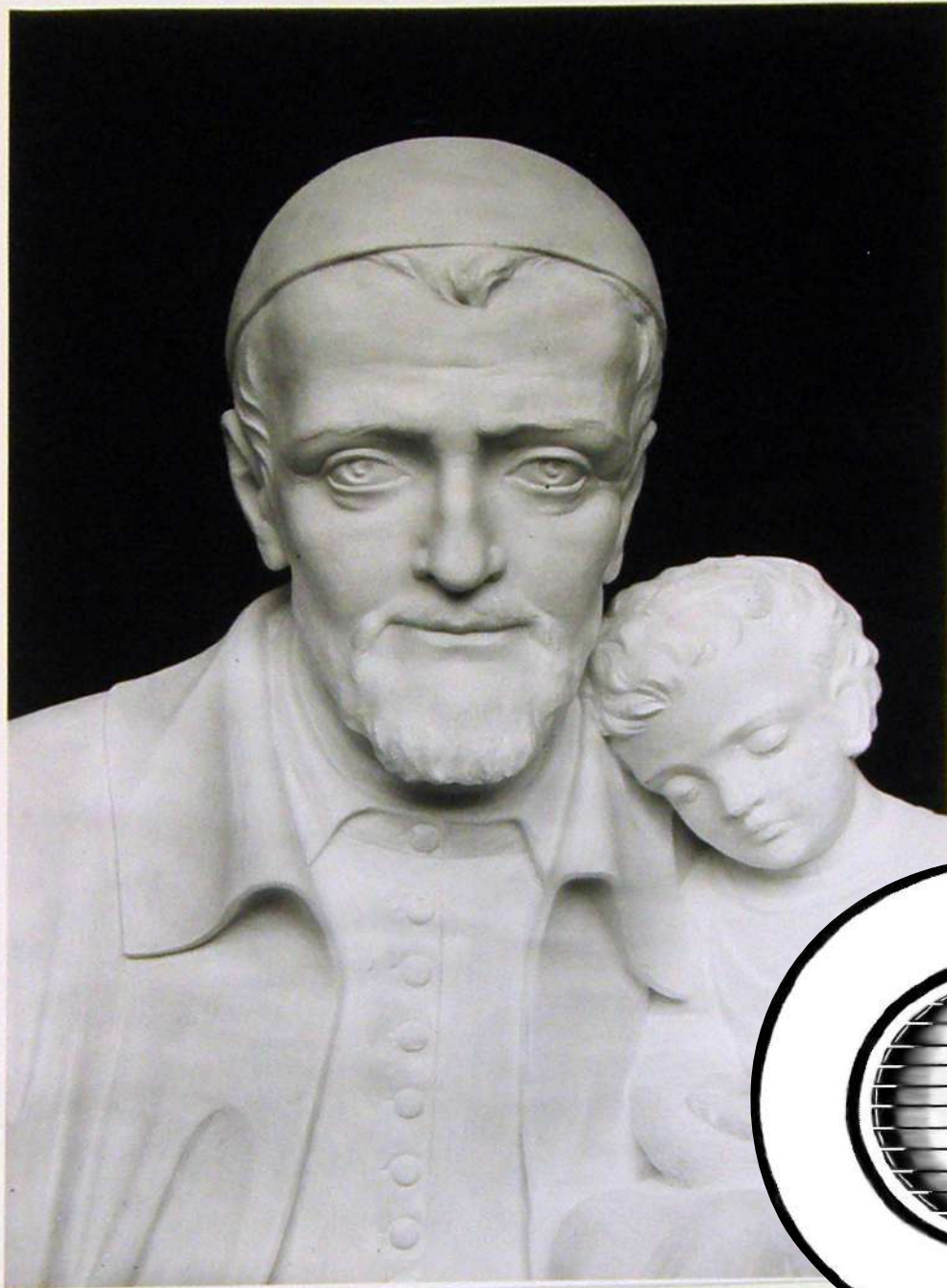
É importante distinguir para não confundir. A espiritualidade vicentina nasce para evangelizar os pobres, formar o clero, os leigos e, hoje, está presente em todos os continentes. Muitos fundadores como São João Bosco, Santo Afonso Maria de Ligório, o Beato Antoine Chevrier, entre outros, foram iluminados e inspirados pelo carisma de São Vicente. Uma espiritualidade de comunhão a serviço do Reino de Deus. São Vicente nos mostra o que significa ser verdadeiramente humano. Interpretar e transmitir nossa espiritualidade em diálogo com outras espiritualidades, sem complexos de superioridade ou inferioridade. O núcleo de nossa identidade é o seguimento a Jesus Cristo, evangelizador e servidor dos pobres, com tudo que isso nos exige; é referência a esse núcleo que tudo vai se perfilando, como confiança na Divina Providência, a vivência das virtudes e dos votos, entre tantas outras coisas; ou seja, o fundamento é Jesus Cristo; conscientes desta verdade não correremos o risco de cair na superficialidade de uma visão voluntarista e funcional que leva a pensar simplesmente num ideal para a práxis, afinal nossa vocação é muito mais que isso, é um caminho de santidade, uma escola de caridade (coração da espiritualidade vicentina).

Em tempos como os nossos, somos convidados a perceber o equilíbrio dinâmico de nossa espiritualidade. Uma pessoa equilibrada é aquela que não se posiciona nos extremos, sem cair na mediocridade. Diversos ensinamentos de São Vicente nos mostram seu equilíbrio. Quanto mais um missionário trabalha sua auto-perfeição tanto mais será fecundo o seu trabalho. São Vicente dizia que os missionários deveriam ser como cartuxos em casa e como apóstolos nas ruas. Assegurar a harmonia entre o estudo, a missão e a espiritualidade;

Para compreender a espiritualidade de São Vicente de Paulo é preciso buscar compreender o contexto religioso de sua época. Ele é filho de seu tempo, porém não é um plagiador que apresenta somente um resumo de tudo o que escutou, mas são nítidas as suas e, para compreendê-las, é preciso entender seu núcleo identitário, o centro dinamizador de sua espiritualidade que é Cristo, adorador do Pai, evangelizador dos pobres. A grande novidade de São Vicente é a sua centralidade em Cristo;

Pe. Andrés Motto conduziu a última conferência intitulada “O projeto vicentino como caminho ético e espiritual”. Em sua reflexão há uma completa ética em São Vicente, mas se pode encontrar um pensamento muito completo, uma teologia dogmática em São Vicente. Podemos afirmar que o programa do fundador é um projeto ético espiritual. A espiritualidade é uma parte da ética. A graça é o coração da teologia moral. É bem conhecido o estudo da espiritualidade vicentina, mas há crescido também o interesse pela moral vicentina. Para São Vicente de Paulo a referência direta é sempre Jesus Cristo, portanto, a coerência do cristianismo consiste na opção pelos pobres. A virtude está no equilíbrio e é fruto da natureza e da graça. Para o fundador, uma vida madura, fecunda deve desembocar em Cristo, no pobre e na prática das virtudes. Um modo de empobrecermos São Vicente é ficarmos apenas nas cinco virtudes. São Vicente trabalhou mais de quarenta e oito virtudes.

Alguns exemplos são a santa indiferença, a prudência, a misericórdia. A teologia moral existe para nos ajudar a tomar a sério o Evangelho. O moralista é alguém que reflete sobre a proposta da santidade, inclusive a opção pelos po-



bres. A teologia moral libertadora (porque nos liberta para amar) vai muito ao encontro do vicentinismo.

Por fim, o Pe. Tomaž Mavrič se fez presente e proferiu uma palavra de encorajamento aos participantes. De modo sucinto, o Superior Geral disse que para nós, a síntese do evangelho e do pensamento de São Vicente de Paulo são nossas regras comuns e constituições; elas são a síntese do que somos e fazemos. Devemos ir das Regras Comuns às Constituições e vice-versa, porque é um ciclo. As Regras Comuns e as Constituições são vivas, como a Palavra de Deus. Reze, leia e escreva, e recorde que a inspiração vem de Deus.

Concluimos que essa sessão do CIF reafirmou que escrever e pesquisar são formas de serviço carismático. A produção intelectual vicentina é instrumento essencial para a vitalidade da missão. A Congregação é chamada a investir em infraestruturas do saber, formação de investigadores e em práticas editoriais que permitam traduzir pesquisas em ações significativas nas periferias do mundo.

Mais do que recuperar a memória, o desafio é contemporizar a tradição: ler São Vicente com atenção histórica, interpretar seu projeto ético-espiritual e articular propostas que respondam às urgências atuais. A fidelidade ao fundador pede, portanto, coragem epistemológica, paciência formativa e um compromisso sincero com os pobres, que são a face do Cristo presente entre nós. ■

Sacha Leite

## Um missionário incansável a serviço dos pobres

*Pe. Sebastião Mendes rememora episódios em que vivenciou a finalidade máxima da CM*



**P**restes a completar 60 anos de presbiterato, Pe. Sebastião Mendes Gonçalves, CM, natural de Campina Verde (MG), residia na Casa Dom Viçoso. Estava de passagem por BH, quando o encontrei e lhe perguntei se concederia uma entrevista para o Informativo da Província e ele aceitou. Mesmo com a articulação das pernas prejudicada, por contratemplos enfrentados em 30 anos de missões nacionais e internacionais, Pe. Sebastião não desanimava. Ele manteve acesa a chama de sua vocação que partilhou nessa entrevista, guardada com carinho e divulgada nesta edição do ISV, após seu falecimento em 14 de outubro de 2025. Na breve conversa, o padre falou de trechos marcantes de sua vida sacerdotal, com algumas passagens saborosas e memoráveis. Boa leitura!

ISV: Como o senhor chegou à missão africana?

**SM: Em 8/8/88, escrevi uma carta ao visitador provincial da época pedindo para ir para lá. Os padres portugueses haviam sido expulsos. Daí me convidaram para ir para lá. Os revolucionários queriam um governo novo que fosse independente e que não fosse comunista. Disseram que se houvesse tiroteio, era para deitarmos no chão. Não me submeti.**

ISV: De que maneira se apresentava o estado de guerra?

**SM: Teve muito tiroteio, em muitas casas. Roubavam de tudo, até comida. Eu achei que iria morrer naquele dia mesmo. Tanto tiroteio, tanta bomba. Mais de 30 pessoas foram mortas e tiveram os corpos expostos em praça pública. Uma irmã de caridade soube que um aluno dela estava entre as vítimas.**

ISV: Conte-nos sobre a emboscada que o surpreendeu nesta Missão.

**SM: Nos quatro primeiros anos que fiquei em Moçambique, havia uma guerra interna, uma luta para derru-**

**bar o governo, de ideias comunistas. Um dia, com duas irmãs, em uma quinta-feira, entramos em um carro, para celebrar uma missa. Mas havia uma bomba lá dentro, era uma emboscada. Os estilhaços provocaram sangramento e o sangue protegeu a minha perna da queimadura, mesmo assim minha articulação ficou prejudicada.**

ISV: O idioma chegou a ser uma barreira para o senhor?

**SM: Sempre que celebrávamos uma missa em português na casa paroquial moçambicana, havia um intérprete para o idioma Changana. “Ívito labawa nilawana niba moia wacuquetcima” (livre transcrição fonética). Diziam que eu falava o idioma local, mas na realidade eu só sabia algumas coisas. Havia um padre português que chegou a escrever uma gramática. Eram cerca de 100 dialetos na região.**

ISV: Em que momento o senhor começou a construir casas populares?

**SM: Fazia de tudo, de pedreiro a carpinteiro, tinha que consertar tudo. Então comecei a fazer casas para os pobres. Havia uma senhora que vivia debaixo de uma árvore. Eles consideram os velhos feiticeiros, uma questão cultural. Construí uma casa para ela e avisei ao filho que retiraria a casa, de pau-a-pique, e levaria para outro pobre morar, assim que ela morresse. Dito e feito, ela faleceu quatro meses depois e repassamos a outro pobre. Devo ter construído umas 60 casas nessa cidade. Passei a morar na capital, para ser diretor das Irmãs, Filhas da Caridade. Fiz algumas capelas também, cobertas com chapas de zinco. Mas consegui arrumar a catequese e recuperar o Carmelo. Tempos depois as irmãs o transformaram em hospital.**



Pe. José Elias Chaves, Pe. Sebastião Mendes e Pe. Lauro Palú, em 1974, no Santuário do Caraça.

ISV: Na sua opinião, qual foi o ponto forte da Missão na África?

SM: O ponto alto da missão africana, para mim, foi o meu contato com os pobres. O pessoal vinha do mato, ocupava aquelas casas. Elas plantavam couve na banheira. Estive em uma paróquia, durante quatro anos, onde não tive cozinha, faxineira nem lavadeira. Eu fazia de tudo. O meu contato com eles fez com que a missa paroquial permanecesse sempre lotada. Fiquei lá 24 anos. Vim para cá de férias para comemorar meus 50 anos de padre. Minha estada em Moçambique, sem dúvida, teve como ponto forte o contato com os pobres.

ISV: O senhor chegou a lecionar? Como foi esta experiência?

SM: Fui para o Paraná. Fomos mandados para o Caraça, fiz o segundo ano lá. Depois de ordenado, minha primeira missão foi dar aula, embora eu não tivesse vocação para isso. Dei aula primeiro no Caraça (1961) Depois em Irati (1962) Depois em Fortaleza (1963). Depois o bispo concordou com a nossa saída. 1964: Campina Verde. Lecionei três anos e disse ao visitador: eu desisto. Gostava muito do meu trabalho social. Fundei o banco da providência por lá.

ISV: Em que contexto se deu o acidente que sofreu no sertão baiano?

SM: Em 2016 o visitador provincial, Pe. Geraldo Barbosa, falou para eu escolher para onde eu queria ir. Escolhi Carinhanha, no Sertão da Bahia, por ser uma região muito pobre. Fui consertar o telhado, porque o vento estava derrubando as telhas. Senti uma tontura e caí a cinco metros de altura. Bati a cabeça no cimento. Fiquei um mês sem “guardar” nada, sem entender o que estava acontecendo.

ISV: De que maneira se caracterizou a sua administração, no Caraça?

SM: Ninguém queria o Caraça. Fui para lá quatro anos após o incêndio. 20 quartos cheios de entulho, livros fora de lugar. Fui arrumando tudo e aumentando as hospedagens. Através do Rondon Pacheco (governador de Minas Gerais entre 1971 e 1975) conseguimos asfalto. Depois, ameaçaram tirar as máquinas, mas conseguimos manter o asfaltamento. Os turistas invadiram, na década de 1970, para fazer camping.

ISV: Quais foram as suas ações mais marcantes em Campina Verde?

SM: O padre que estava em Campina Verde não entendia de fazendas. Consegui reformar a fazenda de Santa Vitória. Quando cheguei à fazenda havia 3 mil cabeças de gado. Quando saí, eram 5 mil. Só de búfalo eram 300. Vendia boi todo ano. Comprei um caminhão novo. O padre anterior fazia carvão e vendia. Falei com os pobres: Vocês querem lenha? Podem pegar à vontade! Três meses depois, o padre anterior apareceu e foi embora, sem se despedir de mim. Depois, escrevi uma carta pedindo para voltar para Moçambique. Com o dinheiro do leite conseguia pagar todos os empregados. Havia reformado a fazenda e, da venda do gado, ainda mandava uma ajuda para a PBCM.

ISV: Como está a sua saúde e qual a sua visão de futuro?

SM: Está um pouco difícil de andar, me locomover. Parece que a panturrilha desistiu de funcionar. Preciso usar bengala para ir aos lugares, por isso costumo andar pouco. Mesmo assim, gostaria de ficar bom da cabeça e assumir uma paróquia, uma nova missão. Este é o sonho que ainda gostaria de realizar, se Deus permitir. ■

Pe. Allan Ferreira, CM

## Vocação e pertencimento

*O vocacionado pertence, primeiramente, ao próprio Jesus Cristo, pois nele vivemos, nos movemos e existimos*

A vocação é uma dinâmica entre o chamador e o chamado e nesta relação acontece o paradigma da liberdade da pessoa chamada frente à proposta daquele que chama. Ao considerar o chamado de Deus como uma proposta, entendemos que mesmo que a vocação seja uma iniciativa divina, cabe ao vocacionado decidir se acolhe ou não o dom da vocação dispensado a ele.

A resposta ainda que negativa não anula a possibilidade de a pessoa vocacionada seguir o seu caminho, mas o seu chamado é intransferível e, por isso mesmo, a sua vocação estará à espera de uma abertura àquela voz que um dia o chamou. Quanto aos que responderam o seu sim, conscientes da responsabilidade da missão confiada, surge um desafio do qual pouco falamos: o sentido de pertencimento.

A pessoa vocacionada que decide livremente seguir a Jesus Cristo em uma especial consagração, deve possuir um profundo amor e estima pela própria vocação. Aquele que ama verdadeiramente a sua vocação será capaz de entender que uma das dimensões da vocação é o pertencimento. Pertencimento a que ou a quem? Primeiramente pertencimento ao autor do chamado, o próprio Jesus Cristo, “pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 28).

A nossa missão primeira, pelo batismo, é sermos criaturas novas, discípulos do Mestre e colaboradores do seu reinado. O seguimento a Jesus Cristo deve ser a máxima da animação vocacional, pois Ele é, nas palavras de São Vicente de Paulo, a “Regra da Missão” e a “única pretensão do coração”. Assim como o chamado de Deus é gratuito, também a nossa resposta e adesão ao seu projeto de amor deve ser acolhido na gratuidade, sem esperar nada em troca (cf. Mt 19, 27-29).

Dessa forma entendemos que o primeiro pertencimento é a Jesus Cristo, o chamador por excelência. A pessoa vocacionada é também discípula e, portanto, corresponsável pela construção do Reino, a partir da sua resposta sincera ao chamado de Deus. Quando nos afastamos dessa verdade, corremos o sério risco de cairmos no esvaziamento do sentido do chamado vocacional. Não somos chamados primeiramente para fazer coisas, mas para estar com Ele (cf. Mc 3, 14).

O segundo pertencimento desdobra-se naturalmente do primeiro. Somos membros da grande comunidade cristã, ou seja, da Igreja. A nossa vocação não caminha sozinha, ela se une a milhares de outras pessoas que também responderam o sim a missão. A Igreja é a comunidade dos chamados que depois se tornarão chamadores graças ao testemunho de cada um. “A própria Igreja se define como comunidade de chamados e chamadas, como instrumento de Deus. A Igreja, Povo de Deus, assembleia reunida, tem consciência de ser o lugar onde o apelo de Deus se faz vivo” (OLIVEIRA, 1999, p. 47). A dimensão comunitária da vocação é um forte apelo frente a realidade crescente do individualismo, do comodismo e do narcisismo. Estes “ismos” denotam um entrave nas relações comunitárias e a Igreja age com profetismo ao anunciar que “a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão”. (DAp. 163).

Podemos pensar por último, mas não menos importante, o pertencimento à comunidade carismática. Aqueles que ingressam em nossas congregações e institutos foram atraídos de alguma forma pelo carisma e espiritualidade que decorrem daquele santo fundador. Por isso os vocacionados devem se sentir membros, mesmo que juridicamente ainda não sejam, participan-



*Quanto aos que responderam o seu sim, conscientes da responsabilidade da missão confiada, surge um desafio do qual pouco falamos: o sentido de pertencimento.*

do ativamente da vida e da história da congregação ou instituto.

O jovem que chega aos nossos seminários já possui outras experiências espirituais e devoções particulares, por vezes herdadas da família ou da comunidade paroquial em que estava inserido. Ao chegar em nossas casas se depara com um outro tipo de vivência espiritual e pastoral, e aqui está um desafio para os formadores: como apresentar a novidade carismática da congregação sem deixar de lado a beleza da espiritualidade e devoção popular de cada um? O sentimento de pertença a uma família religiosa virá com o tempo, mas também com o esforço do vocacionado e da comunidade formativa.

É tarefa do vocacionado se abrir à novidade que se apresenta e ver o carisma e a espiritualidade do fundador como um valor e um tesouro a ser descoberto a cada dia. Além disto, descobrirá que a nova comunidade em que está inserido é a sua família e por isso deve se interessar pelos assuntos e pela dinâmica própria dos membros dessa família. Da parte dos formadores, deverão apresentar ao vocacionado a beleza do carisma e a riqueza que é fazer parte de uma congregação que não se resume somente aquela comunidade local.

Portanto, o sentido de pertença é a chave para uma relação duradoura do vocacionado com a comunidade da qual fará parte. Pertencimento à Jesus Cristo que chama, à Igreja que confirma o chamado e ao Carisma que o acolhe. Nessa relação o vocacionado terá uma base sólida para viver a sua vocação de forma consciente e madura. ■

Cristina Vellaco

Com a colaboração de Luciana Bandeira e Shayene Delgado

## Centro de Memória Vicentino

*Preservar o passado para inspirar o futuro*

**H**á histórias que não podem se perder, porque nelas pulsa a fé, o amor e o trabalho silencioso de gerações que acreditaram no Evangelho vivido em serviço. Assim nasce o Centro de Memória Vicentino, um projeto que não apenas tem a responsabilidade pela guarda de documentos, mas que resgata vidas, sonhos e vocações que moldaram a presença lazarista no Brasil.

Em março de 2025, a Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM) deu um passo decisivo rumo ao reconhecimento de sua própria trajetória com a criação do Centro de Memória Vicentino. Com esse gesto, a Congregação reafirma que nenhum capítulo de sua história é pequeno: cada missão, cada serviço, cada palavra escrita ou imagem preservada é expressão viva do carisma vicentino. Porque preservar também é evangelizar e cada livro, carta ou fotografia mantém acesa a chama daqueles que, com fé e amor, ajudaram a construir a história da Congregação e a transformar a sociedade brasileira.

A presença lazarista no Brasil está registrada através de séculos e preservada na memória que atravessa o tempo. São documentos, objetos, obras raras, fotografias, testemunhos orais e lembranças que revelam o rosto humano e espiritual de uma missão que nunca cessou de servir.

Hoje, esses tesouros estão espalhados em várias casas e instituições da PBCM. Reunir, organizar e proteger esse legado é mais do que uma necessidade técnica: é um ato de amor e gratidão àqueles que construíram, com suor e fé, a caminhada vicentina no Brasil.

O Centro de Memória surge, assim, como um espaço de unidade e de esperança, onde passado e futuro se encontram para continuar inspirando novas gerações de missionários e fiéis.

### Um espaço para preservar e partilhar

Mais do que um local físico, o Centro de Memória será um espaço de encontro, onde o passado ganha voz e o presente encontra sentido. Sua missão é zelar pela



memória institucional, iluminando o caminho das futuras gerações e revelando, com cuidado e verdade, o quanto os missionários vicentinos contribuíram para a fé, a educação e a transformação social do Brasil.

A intenção é criar uma comissão para definir metodologias e políticas de gestão, propor programas de capacitação e atualização, além de fortalecer o diálogo com outras Províncias e Instituições, estabelecendo uma cooperação técnica de caráter mútuo.

Com a implementação de recursos tecnológicos, como o projeto de digitalização dos documentos, indexação dos acervos em sistema de pesquisa e catalogação dos itens museológicos, pretendemos preservar e tornar acessível a história dos Lazaristas através dos seus acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos.

### Memória a serviço da missão

O Centro de Memória Vicentino reafirma a importância de manter viva a trajetória da Congregação, oferecendo suporte às ações pastorais, formativas e administrativas.

Ao assegurar a integridade dos documentos, livros, periódicos e objetos históricos, também reconhecemos sua relevância para a comunidade e continuidade do carisma vicentino, valorizando e compreendendo o percurso missionário ao longo do tempo.

Acreditamos também que o Centro de Memória Vicentino se tornará referência e apoiará o fortalecimento da identidade e história institucional, além de oferecer subsídios para novos projetos, pesquisas acadêmicas, estudos e iniciativas de evangelização e serviços. Proteger a memória é garantir que a história continue inspirando novas gerações, fortalecendo o compromisso com o carisma de São Vicente de Paulo e com o serviço aos mais necessitados.

Para explorar o acervo e saber mais sobre o Centro de Memória Vicentino, visite a página oficial no site da PBCM: <https://www.pbcm.org.br/informacoes/centro-de-memoria-vicentino>. ■

### COMO TUDO COMEÇOU

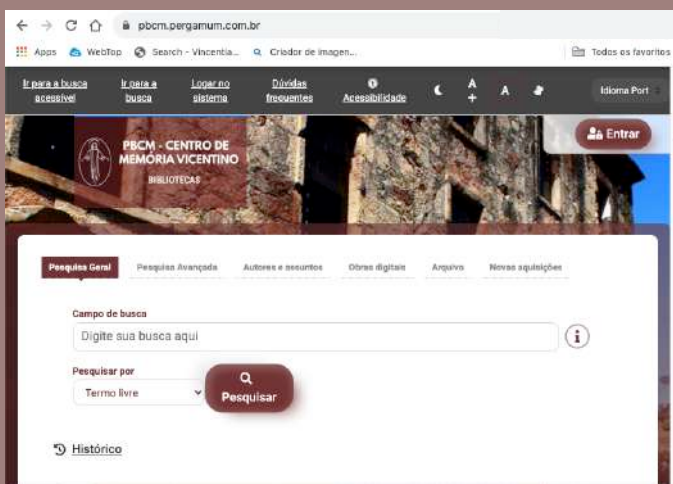
Em seus últimos vinte anos de vida, o Padre Pedro Sarneel, CM (foto), dedicou-se, com maestria, à função de Arquivista da Província. Com olhar atento, paciente, e genuína curiosidade, explorou documentos, revelou histórias e iluminou a trajetória dos Lazaristas no Brasil. No Caraça, transformou a biblioteca em um espaço organizado, reuniu peças para o acervo e compartilhou, por meio de seus escritos, as descobertas que tanto enriqueceram a memória da Congregação, com a sensibilidade de quem realizava e transforma tudo em poesia.

### PRINCIPAIS CONQUISTAS

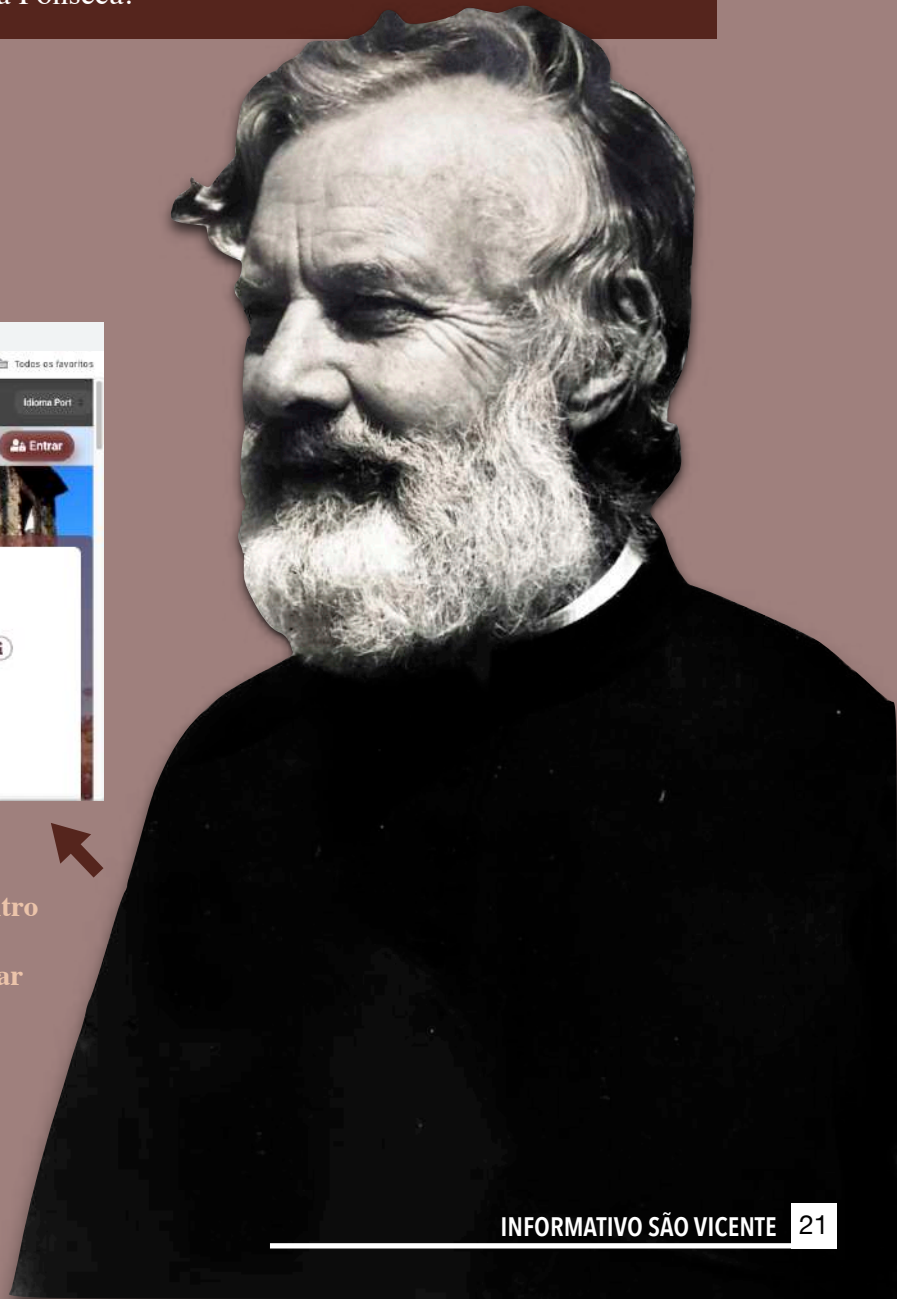
Entre 1978 e 1988, foi desenvolvido um amplo trabalho de organização documental que incluiu a classificação e o acondicionamento de 6.332 documentos, cada um acompanhado de um resumo em português, já que muitos estavam em francês e latim. O projeto envolveu ainda a datilografia de 24 mil fichas e o registro, em dois livros tombo, de documentação dos séculos XIX e XX. Esse trabalho foi conduzido pela Sra. Helena Dumans Chermont, com o apoio dos Padres Clóvis e Gomes.

### QUEM CUIDA DA MEMÓRIA VICENTINA

Centro de Memória: Cristina Vellaco Arquivo Histórico da PBCM: Luciana Bandeira e Shayene Delgado; Biblioteca e Arquivo Histórico do Caraça: Kely Silva; Rede de Bibliotecas e Memorial de Belo Horizonte: Andréia Fonseca.



Acesse [pbcm.org.br](http://pbcm.org.br) > Informações > Centro de Memória Vicentino. É preciso rolar o cursor até o final da página para visualizar os links de pesquisa.





Fillyppe, Kátia, Ir. Cleusa, Renilda, Jayne e Pe. Gustavo, em Serra do Ramalho-BA.



Formandos do segundo semestre de 2024 do curso Informática São Vicente - Bom Jesus da Lapa-BA.

## Informática São Vicente

---

*Depoimentos de estudantes e monitores expressam amor ao estilo vicentino de formar*

**I**nformática São Vicente de Paulo (ISVIP) é um projeto social de inclusão digital e cidadania, que existe desde 2019, e visa oferecer uma formação prática, eficiente e atrativa na área da informática. Trata-se de uma proposta educativa que promove o uso consciente das tecnologias, a valorização da ética, bem como a vivência dos valores cristãos e vicentinos.

Voltado a jovens e adultos a partir dos 14 anos, o ISVIP atende prioritariamente pessoas em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social, com o objetivo de favorecer sua inserção no mercado de trabalho.

Mais do que ensinar o uso das ferramentas tecnológicas, o projeto busca estimular o uso da tecnologia como instrumento de transformação social, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e cidadão dos participantes, e promovendo uma visão crítica e ética do mundo digital.

O curso é dividido em cinco módulos sequenciais, organizados de forma a proporcionar uma aprendizagem progressiva e prática. São eles: 1. Introdução à Informática; 2. Internet; 3. Microsoft Word; 4. Microsoft Excel; 5. Microsoft PowerPoint.

As aulas acontecem de segunda a quinta-feira, nos turnos da manhã e da tarde, em turmas de cerca de 10 alunos, sendo duas aulas de 1h30 por semana, em ciclos de quatro meses. As inscrições costumam ocorrer duas vezes por ano. Às sextas-feiras são realizadas atividades internas de planejamento, organização, atendimento, limpeza e gestão.

O ISVIP atua em parceria com a Diocese de Bom Jesus da Lapa, e possui unidades localizadas nos municípios de Bom Jesus da Lapa, Sítio do Mato e Carinhanha, no sertão da Bahia. Além disso, mantém uma unidade própria em Serra do Ramalho. É custeado pela Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM) e se insere no conjunto das ações sociais inspiradas no carisma de São Vicente de Paulo.

A seguir, confira alguns testemunhos compartilhados por monitores, que dão aulas no ISVIP, e por alguns estudantes que passaram por essa formação:

*“Falar da ISVIP ao mesmo tempo que é emocionante, é prazeroso, gratificante, e uma alegria diferente. Porque, só quem já passou pela ISVIP sabe o que é ter um certo medo, medo de não dar certo, medo de fazer errado, medo de não conseguir socializar com a turma. Só que quando a gente começa a estudar, a gente vê que é totalmente psicológico, que não é nada do que a gente pensava. O impacto que a ISVIP trouxe pra mim foi grande. Quando eu entrei na ISVIP eu era somente uma pessoa que saiu do ensino médio. E quando saí da ISVIP sou uma pessoa que saiu do ensino médio e tenho um curso. E quem faz a ISVIP não quer parar, não quer só um curso de informática. Porque agora você tem Informática e pode trabalhar. Foi o que aconteceu comigo. Eu terminei a ISVIP e a alegria veio. E eu não quis parar. E depois da Informática fiz Secretariado. E depois do Secretariado fui fazendo outros cursos.”*

Fabiola Barros Neto (estudante)

*“Conheci o curso através da minha filha que fez o curso e teve excelente aproveitamento, inclusive. Eu não tinha experiência nenhuma, só com celular, o básico. Sempre que precisava de alguma coisa tinha que acionar meus filhos. Então, foi um desafio muito grande, porque eu não sabia nem ligar um computador. Aí foi quando eu procurei a professora Kátia e ela me motivou, me incentivou bastante a fazer o curso. Estou concluindo agora e quero dizer que foi uma experiência incrível para mim, pois aprendi muitas coisas sobre programas, sobre ferramentas, enfim, para mim foi uma evolução imensa. Para quem era totalmente dependente da ajuda dos outros, quero dizer que tem sido desafiador, porém gratificante, uma experiência que vou levar para a minha vida e vou indicar para mais pessoas, só tenho mesmo é que agradecer.”*

Vanusia Sena Almeida (estudante)



Formandos do segundo semestre de 2024 do curso Informática São Vicente - Sítio do Mato-BA.

“Em nossa cidade o impacto foi enorme ao realizar o curso básico de informática. Houve um aumento da autonomia no dia a dia, a facilidade de mexer no computador, celular e aplicativos, realizações de tarefas como digitar textos, emails, pesquisar na internet, e organizar arquivos. Houve uma maior independência para resolver problemas simples, de tecnologia. E a melhora também do desempenho profissional, tornando o aluno mais preparado para vagas de emprego que exigem o conhecimento em Word, Excel e Power Point, agilizando tarefas no ambiente de trabalho, criação de relatórios, tabelas, documentos e apresentações.”

Renylda Castro (monitora)

“Eu me chamo Kátia e sou monitora do Curso de Informática Básica do Projeto ISVIP, em Carinhanha. Acompanhar este projeto tem sido uma das experiências mais importantes da minha trajetória. Em três anos, formamos mais de 300 alunos, muitos da zona rural e, em sua maioria, mulheres que buscavam novas oportunidades. A redução da idade mínima para 14 anos foi um grande avanço, porque ampliou o acesso dos adolescentes de Carinhanha, que têm poucas opções de qualificação. Isso permitiu que eles tivessem contato com a tecnologia de forma orientada, fortalecendo perspectivas de futuro. Ver a evolução dos alunos, muitos começando sem nenhuma experiência, é muito gratificante. Hoje, vários já conquistaram o primeiro emprego ou foram aprovados em processos seletivos graças ao conhecimento adquirido na ISVIP. Ser monitora é muito mais do que ensinar informática: é participar da construção de oportunidades e ver vidas sendo transformadas. Sigo com gratidão e alegria por fazer parte de um projeto que trouxe tantos benefícios para Carinhanha.”

Kátia Beatriz Bastos Costa (monitora)

“Fiz o curso de Informática, oferecido pelo ISVIP, e gostei bastante. As aulas são diretas ao ponto e muito práticas, o que facilitou o meu aprendizado. Aprendi sobre Excel, PowerPoint, Word e também sobre sistemas computacionais, com conteúdos aplicáveis ao dia a dia. O curso me deu mais confiança para usar o computador, tanto para estudos quanto para trabalho, além de abrir novas possibilidades de aprendizado e crescimento pessoal. Recomendo para quem quer aprender de forma prática, objetiva e acessível.”

Maick Lian (estudante)



Acima: estudantes em sala de aula; abaixo: monitor com formando, em Bom Jesus da Lapa.

“É com o coração cheio de alegria e gratidão que venho agradecer pela oportunidade de fazer esse curso maravilhoso que tanto contribuiu com minha vida pessoal e profissional, abrindo novos horizontes tanto na minha vida quanto na vida de muitas outras pessoas, trazendo novas oportunidades no mundo do trabalho, uma vez que o mercado de trabalho hoje exige, na grande maioria das vezes, noções básicas de informática. O curso só veio para somar e agregar conhecimentos. Gratidão a todos os envolvidos nessa missão de levar qualificação e conhecimento a tantas pessoas que precisam! Não posso deixar de agradecer, de forma especial, à nossa querida professora Katia Beatriz, que ensina com tanto amor e carinho. Abraço fraterno a todos os envolvidos nesse lindo projeto.”

Ana Lúcia (estudante)

“Fiz um curso em 2024 e foi uma experiência extremamente positiva para mim, porque eu não tinha noção de alguns conteúdos de informática e isso acabava me travando, muitas vezes. Então, conforme eu fui participando das aulas, conforme eu fui assistindo as aulas, foi abrindo um outro olhar para mim, um outro tipo de conhecimento. Então, os professores realmente me surpreenderam muito. São pessoas extremamente capacitadas e dedicadas ao que fazem, principalmente a professora Kátia Beatriz, que foi quem me auxiliou durante esse processo, e isso impactou a minha vida de forma muito positiva, fazendo com que eu guardasse muitas boas lembranças. Eu participei de um processo seletivo, agora em 2025, e os conhecimentos adquiridos ao longo do curso ISVIP é que foram o meu suporte, a minha base, para que eu pudesse alcançar o primeiro lugar. Então, eu sou realmente muito grata!”

Eduarda Sena (estudante)

Atendemos alunos com dificuldades específicas e objetivos específicos também. Muitos querem ingressar no mercado de trabalho, outros querem um suporte acadêmico. Recebo aqui alunos que vão começar a faculdade ou estão já cursando a faculdade e não têm noções básicas de informática. Então, aqui conseguimos adequar o ensino e ter essa sensibilidade com cada aluno. Recebemos também alunos da EJA, adaptamos conteúdos, quando necessário. Muitos chegam aqui com dificuldades motoras para manusear teclado, mouse, por falta de prática. Aqui trabalhamos técnicas para que o aluno possa desenvolver essa coordenação. Buscamos adaptar o curso para a realidade de cada aluno.

Filyppe Duarte dos Santos (monitor e ex-estudante da ISVIP) ■



Cristina Vellaco

## Ir. Miguel Maria Generoso, CM

*Uma vida de serviço aos mais necessitados*



**N**asceu em Virginópolis, Minas Gerais, no dia 1º de agosto de 1933, sendo filho de Nestor Maria Generoso e Maria Tereza de Jesus. Movido pela fé e pela vocação religiosa, ingressou no Seminário Interno em Petrópolis, Rio de Janeiro, em 5 de maio de 1957. Após emitir seus votos religiosos em 7 de maio de 1959, em Petrópolis (RJ), Ir. Miguel iniciou uma caminhada marcada pela simplicidade, pelo trabalho dedicado e pela fé constante. Seu percurso missionário e comunitário o levou a diversos lugares, onde sempre deixou sinais de serviço, humildade e entrega. Em 1959, permaneceu em Petrópolis (RJ), trabalhando como batineiro, função que exerceu com zelo e disciplina.

Em 1964, foi enviado para o Rio de Janeiro (RJ), onde serviu como motorista do Visitador, auxiliando nas necessidades da Congregação com responsabilidade e discrição. No ano seguinte, 1965, retornou a Petrópolis (RJ), continuando sua caminhada de formação e serviço. Em 1967, foi destinado a Minas Gerais, trabalhando na Fazenda São José, em Vespasiano, onde colaborou nas atividades da comunidade com dedicação.

A partir de 1977, passou a integrar a equipe do Santuário do Caraça (MG), atuando na Fazenda do Engenho, tarefas que exerceu com grande cuidado e compromisso. Mais tarde, abraçou a missão em terras baianas. Em 1995, foi enviado a Carinhanha (BA) como missionário; e, no ano seguinte, 1996, continuou seu serviço missionário em Serra do Ramalho (BA).





Ao lado, Ir. Miguel auxiliando na cozinha; acima, Ir. Miguel em missão na comunidade Mata Verde, Bahia.

Em 1997, retornou à Fazenda do Engenho, e, em 1998, voltou à Serra do Ramalho (BA), retomando sua missão junto ao povo da região. Em 2005, assumiu funções na Fazenda do Engenho, em Santa Bárbara (MG), onde trabalhou em serviços pastorais e como auxiliar de administração da Fazenda entre 2005 e 2020 desempenhando papel importante na organização do espaço e no apoio comunitário.

Por fim, em 2020, passou a residir na comunidade da Casa Dom Viçoso, em Belo Horizonte (MG), para tratamento da sua saúde. Nesta casa permaneceu até seus últimos dias, fiel na caminhada missionária vicentina e na oração, onde veio a falecer. Na tarde de 22 de novembro de 2025, Ir. Miguel nos deixou, para iniciar sua missão no céu. Que Deus o acolha na luz eterna, onde os justos repousam e onde o trabalho se transforma em paz definitiva.

Ir. Miguel encarnou todas as faces do missionário vicentino. Sabia ser firme, alegre e acolhedor, homem de virtudes vicentinas, gostava de conviver com os coirmãos e com todos, adorava participar da vida da Província, amava o Povo de Deus, e sabia oferecer a todos uma palavra de estímulo e apoio na caminhada.

A Província Brasileira da Congregação da Missão – Missionários Vicentinos, e a sua família unem-se agora em oração e agradecem a Deus pela sua Consagração Missionária vicentina e pelo dom de sua vida doada no seguimento de Cristo, Evangelizador dos Pobres, na Congregação a serviço da Igreja, como autêntico filho de São Vicente de Paulo. ■

Pe. Juarez Carlos Soares, CM



**S**e não me falha a memória, atuei no querido e amado Santuário Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa, Arquidiocese do Rio de Janeiro, Tijuca – RJ, nos anos de 2007 e 2008, como padre Missionário Vicentino, exercendo o ministério de “Reitor”, como reza o Estatuto desta instituição, quando fazia uma pós-graduação em Teologia Sistemática, na PUC-RJ.

Registro, aqui algumas lembranças muito significativas na minha caminhada vocacional, missionária e vicentina quando de minha passagem neste Santuário, a saber: Primeiro, porque aí me sentia em casa com a amigável e fraternal acolhida das Irmãs Filhas da Caridade, tanto na convivência quanto na rica, dinâmica e proveitosa experiência missionária de trabalhar com elas no Santuário e indiretamente, no Hospital São Vicente de Paulo, assim como nas Missões Populares Vicentinas.

Segundo, foi uma experiência muito rica e valiosa, porque me proporcionou adequar a teoria da faculdade com a prática pastoral no contato com o povo, exercendo o meu ministério no Santuário realizando diversas atribuições: intensa prática celebrativa, celebração da Eucaristia, confissões, orientação espiritual dos fiéis do entorno e visitantes do Santuário; assim como o trabalho missionário no mesmo e no seu entorno e com a Família Vicentina, sobretudo em Nova Sepetiba, numa rica parceria com as Filhas da Caridade.

Terceiro, o rico aprendizado que tivemos elaborando o Planejamento Pastoral do Santuário - padres da PBCM e das FC, com a forte intenção de ativar, intensificar e aprofundar a ação evangelizadora e missionária no Santuário, buscando empregar uma metodologia adequada à realidade da época. Para a efetivação desses propósitos procuramos trabalhar sobretudo: a dimensão litúrgica a fim de tornar as celebrações no Santuário momentos fortes de fé e experiência de Deus em sintonia com a vida; aprimorar, ou pelo menos dar uma atenção especial para com a acolhida, a divulgação da espiritualidade Mariana e Vicentina; oferecer aos fiéis um atendimento de qualidade, com bom atendimento, acolhimento espiritual, confissão sacramental e celebrações bem celebradas.

Por fim, externo aqui, minha satisfação, alegria e gratidão por ter formado uma comunidade com irmãos e amigos verdadeiros, são eles: Pe. Geraldo Ferreira Barbosa, CM e José Moacir Alves, CM de saudosas memórias e, depois o Pe. Paulo Eustáquio Venuto, CM. Cada um com seu ofício, mas sempre com algo em comum, vida de pobreza, oração, comunitária e missionária.

Cronologicamente foi pouco tempo, mas o suficiente para eternizar a boa experiência humana e missionária vivida neste Santuário Mariano. Foi uma oportunidade maravilhosa de me aprofundar, sobretudo celebrar e sentir a presença e proteção amorosa da Mãe Maria, a Senhora das Graças, neste lugar tão místico, que é a “Colina do Santuário Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa! Louvado seja Deus e meus superiores por me terem permitido fazer esta experiência missionária e Mariana! ■

Pe. Adriano Pires, CM

## Santas Missões Populares Vicentinas

*Nova Iguaçu-RJ, receberá missionários vicentinos em janeiro de 2026*



Pároco em momento formativo com missionários vicentinos.



Paróquia N. Sra. Aparecida; Pes. Adriano, José e Juarez.

A próxima edição das Santas Missões Populares Vicentinas acontecerá de 16 a 31 de janeiro de 2026, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no município de Nova Iguaçu-RJ, bairro Grama. Estão confirmados, até agora, 60 participantes, dos seguintes ramos da Família Vicentina: Congregação da Missão, Filhas da Caridade, Misevi (RJ, MG, PR e DF), Fráteres da Divina Misericórdia, Irmãos de N. Sra. de Lourdes e Irmãs de Gysegem, dentre outros ramos.

A formação dos missionários provenientes do regional BH aconteceu uma vez ao mês, ao longo do segundo semestre de 2025, no Instituto São Vicente de Paulo-BH. Os demais missionários participantes das SMPV tiveram formações específicas a partir de seus regionais.

Pe. Adriano Pires, CM, e Pe. Juarez Carlos, CM, visitaram a Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Rio de Janeiro, para conhecer a realidade da região onde está localizada, na Baixada Fluminense e planejar com o pároco José Vilanova as atividades que consideram bem-vindas, além das visitas missionárias.

As atividades programadas, de acordo com os coordenadores da Família Vicentina regional de BH, Pe. Adriano e Pe. Juarez são: visitas às famílias, encontros com as crianças, formação bíblica e encontro com as juventudes, que ocorrerão nas seis comunidades da paróquia.

“Além dessas atividades, os padres estarão disponíveis para celebrações eucarísticas em todas as comunidades, bem como para o atendimento de confissões e unção dos enfermos. Há uma comunidade na região chamada São Sebastião. Estaremos juntos em festa no tríduo e no dia 20 de janeiro, celebrando o padroeiro da comunidade e de todo o Rio de Janeiro” explica o Pe. Adriano.

Não é a primeira vez que a região será missionada. Houve Santas Missões Populares Vicentinas em 2016, na região da Baixada Fluminense, em Japeri, cidade de origem do Pe. Adriano. Foi nessa ocasião, há quase 10 anos que Pe. Adriano conheceu o trabalho missionário da PBCM e da Congregação da Missão. ■

**Missa em honra ao Padre Bos**

Foi realizada, no dia 16 de dezembro de 2025, peregrinação da Família Vicentina regional Rio de Janeiro, com missa solene em memória ao Pe. Pedro Maria Bos, CM, no Santuário Cristo Redentor (foto ao lado). A missa foi presidida pelo Pe. Eduardo Raimundo dos Santos, CM, e concelebrada pelos padres da PBCM: Adriano Pires, Cleber Teodósio, Luís Veras e Túlio Medeiros. Da ocasião, participaram representantes dos seguintes ramos: Filhas da Caridade, Missionários Leigos Vicentinos, Associação da Medalha Milagrosa, Associação Internacional de Caridades, Congregação da Missão (CSVP, ESVP e sede provincial) e amigos da PBCM.



**1 anos da missão em Salto-SP**

De 4 a 8 de novembro de 2025, o Visitador Provincial da PBCM, Pe. Vandeir Barbosa, CM, realizou visita canônica à Comunidade Vicentina Pe. Leandro Rebelo e Castro, na cidade de Salto-SP, Diocese de Jundiá. Ao longo deste primeiro ano, o trabalho tem se desenvolvido com sucesso. Aconteceram várias semanas missionárias assessoradas pelos coirmãos, que atuaram em visitas, na formação, na administração de sacramentos, formando um novo modelo de comunidade no seio provincial e acompanhando, especialmente, os leigos da SSVV.

**10 anos do escritório da FV Internacional**

Dia 22 de novembro de 2025, Pe. Cleber Teodósio, CM, participou da celebração dos 10 anos de fundação do escritório internacional da Família Vicentina, em Filadélfia, EUA. Estiveram entre as atividades do dia: exposição sobre o trabalho da Família Vicentina junto à ONU; inauguração do novo museu Mariano; partilhas vicentinas; e a eucaristia da solenidade de Cristo Rei, presidida pelo padre Joseph Agostino, CM. Na ação de graças, o Superior Geral, Pe. Tomaz Mavric, CM, agradeceu o trabalho do Pe. Joseph e nomeou a nova diretora Ir. Ellen Marie Hagar, FC.

**Encerramento no Seminário Interno**

O Seminário Interno Internacional São João Gabriel Perboyre concluiu suas atividades da edição 2025, em Belo Horizonte-MG. Consta da programação: 16 a 18/12: apresentação dos trabalhos dos seminaristas; 19/12: reunião dos provinciais da América Latina para avaliar a caminhada do referido seminário e planejar atividades do próximo ano; 20/12: missa de encerramento das atividades com almoço festivo no Instituto São Vicente de Paulo.



## DICA DE FILME: O EVANGELHO DA REVOLUÇÃO

Direção: François-Xavier Drouet

Lançamento: 2025

Disponível na Prime Vídeo

No final da década de 1970, os militares que comandavam El Salvador adotaram um slogan sinistro: "Seja patriota, elimine um padre". O país vivia sob a combinação de pobreza extrema e autoritarismo. Sem uma oposição livre, cabia à Igreja Católica assumir a defesa dos mais vulneráveis.

À frente desse papel estava o arcebispo de San Salvador, Dom Óscar Romero, figura emblemática da resistência. Conhecido como "a voz dos que não têm voz", destacou-se por denunciar a brutalidade do regime e por defender uma Igreja comprometida com os pobres. Em março de 1980, foi assassinado durante a celebração da missa, alvejado por um franco-atirador do Exército.

Romero é um dos eixos centrais de *O Evangelho da Revolução*, documentário do francês François-Xavier Drouet. A obra narra o percurso da Teologia da Libertação, corrente que abalou a América Latina ao aproximar a fé católica dos movimentos populares.

O diretor colheu depoimentos e reuniu registros históricos também no Brasil, no México e na Nicarágua. Entre eles se destaca Dom Hélder Câmara, perseguido pelos militares brasileiros e lembrado como um símbolo dos excluídos. Era dele a frase: "Quando dou comida aos pobres, dizem que sou santo. Quando pergunto por que são pobres, dizem que sou comunista".

O filme recupera ainda uma entrevista à televisão francesa em que o arcebispo de Olinda e Recife se descreve como um revolucionário. "Se revolução é uma mudança profunda, radical e rápida, então eu a abraço", afirma. Dom Hélder insistia que só apoiava ações pacíficas, mas mesmo assim foi tratado como um inimigo perigoso, cujo nome era proibido na imprensa da época.



Ao narrar o envolvimento da Igreja na luta pela terra e na formação do MST, Drouet revela um olhar crítico sobre o petismo, que também surgiu sob influência do clero progressista. "Durante os governos do PT, não houve uma reforma agrária de fato. A esquerda não conseguiu enfrentar as desigualdades, apesar das expectativas que despertou", avalia.

Dois expoentes da esquerda católica dão depoimentos: Frei Betto, que enfrentou a ditadura e passou quatro anos preso, afirma que todo cristão segue alguém que foi um preso político; Leonardo Boff observa que Jesus terminou na cruz – e não vítima de um acidente banal – e relembra a perseguição que sofreu do Vaticano na época de João Paulo II, quando foi condenado ao chamado "silêncio obsequioso".

O pontífice polonês conduziu uma dura ofensiva contra cardeais e bispos ligados a movimentos contestatários. Em uma das sequências mais marcantes do documentário, ele manifesta sua irritação com religiosos que apoiaram a revolução sandinista na Nicarágua. Diante das câmeras, repreende severamente o Padre Ernesto Cardenal, então ministro da Cultura. Mais tarde, Cardenal seria punido com a suspensão de suas funções sacerdotais.

Enfraquecida pela pressão da Cúria, a Teologia da Libertação encolheu até quase desaparecer do debate público. Igrejas evangélicas aproveitaram o espaço aberto para se expandir pelas periferias latino-americanas. No desfecho do filme, o padre Júlio Lancellotti reafirma a opção preferencial pelos pobres, mas admite que, há pouco terreno para esse modo de pensar. "Neste sistema, estamos destinados à derrota. Minha luta é a luta de alguém derrotado", conclui. ■

## Dica de Livro: Uma longa e edificante viagem

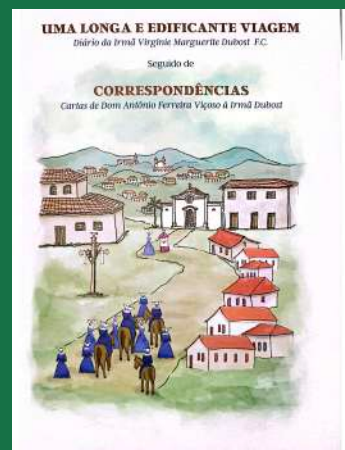
Autor: Ir. Marguerite Dubost, FC, Dom Viçoso, CM. | Pe. Edvaldo Antonio de Melo (org.)

Editora: Dom Viçoso

Esta segunda edição da obra, reúne o diário da Irmã Virginie Marguerite Dubost, Filha da Caridade, acompanhada de uma riquíssima seleção de correspondências enviadas por Dom Viçoso, sétimo bispo de Mariana, à Irmã Dubost.

A obra resgata a trajetória missionária da Irmã Dubost e de suas irmãs de congregação, da França ao Brasil, a pedido de Dom Viçoso. Através de seus relatos pessoais em seu diário, o livro aproxima o leitor, que é convidado a mergulhar na vida cotidiana das Filhas da Caridade, em suas experiências durante a viagem e chegada ao Brasil, bem como seus desafios e sacrifícios até chegarem em terras mineiras, na famosa Primaz de Minas.

O projeto de pesquisa foi realizado através da disciplina de curricularização da extensão pelos discentes seminaristas da Faculdade Dom Luciano Mendes: Gerlison Ferreira Fernandes, João Pedro Rodrigues e Sérgio Rodrigues Borges de Medeiros. O trabalho foi orientado e acompanhado pelos professores Dr. Pe. Edvaldo Antonio de Melo e Ma. Maria Elisa Silva Mendes, que incentivaram os discentes sobre a importância documental e espiritual do material desenvolvido. ■



Quer através do vosso trabalho, quer através do vosso empenho em mudar as estruturas sociais injustas, quer através daquele gesto de ajuda simples, muito pessoal e próximo, será possível que aquele pobre sinta serem para ele as palavras de Jesus: «Eu te amei»

- Papa Leão XIV

